OS DESAFIOS DA MATERNIDADE ATÍPICA: UMA ANÁLISE CLÍNICA

Mikaelly Cavalcanti Borges[1]; Diego Gomes da Silva Melo[2]; Elis Madeira Velho Vassão[3]; Tatiane Aparecida de Castro[4]

[1]Graduação em Psicologia (FACHO); Especialização em Neuropsicologia (ESUDA); Especialização em Terapia Cognitiva Comportamental (ESUDA); Mestranda em Neurociências (FICS).
[2]Graduação em Psicologia (FACHO); Licenciatura em Psicologia (FACHO); Especialização em Neuropsicologia Clínica (INAP); Especialização em Terapia Cognitiva Comportamental (FAFIRE); Especialização em Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista e Atrasos no Desenvolvimento (CEFAPP); Mestrando em Neurociências (FICS).
[3]Psicopedagoga; Mestranda em Neurociências pela FICS; Especialista em Psicomotricidade e Psicopedagogia; Professora de pós-graduação UNISANTA- Santos /SP e FTM João Pessoa/PB.
[4]Psicopedagoga, Neuropsicopedagoga, Mestranda em Neurociências pela FICS; Especialista em Neuropsicologia e em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender os desafios enfrentados na maternidade atípica, reconhecendo suas singularidades e implicações emocionais, sociais e práticas. A maternidade, enquanto fenômeno complexo, envolve não apenas transformações biológicas, mas também profundas mudanças identitárias, afetivas e culturais. No caso da maternidade atípica, vivenciada por mães de crianças com condições que fogem ao desenvolvimento típico, essas transformações tornam-se ainda mais intensas, exigindo da mulher constante ressignificação de suas experiências e funções maternas. A pesquisa, de caráter qualitativo e metodologicamente fundamentada na abordagem bibliográfica, baseou-se em produções acadêmicas e científicas publicadas nos últimos anos. Foram analisados aspectos como a construção social da maternidade, os impactos emocionais da jornada materna atípica, e a importância da resiliência, empatia e acolhimento na relação mãe-filho. Os resultados apontam para a urgência de reconhecimento social e institucional dessas vivências, bem como a necessidade de políticas públicas que garantam suporte emocional e prático a essas mães. Além disso, destaca-se a relevância de fomentar novas pesquisas que aprofundem o entendimento sobre as diversas dimensões que permeiam a maternidade atípica e contribuam para práticas mais inclusivas e humanizadas.

Palavras-chave: maternidade atípica; desafios maternos; resiliência; empatia; acolhimento.

ABSTRACT

This study aims to understand the challenges faced in atypical motherhood, recognizing its singularities and emotional, social, and practical implications. Motherhood, as a complex phenomenon, involves not only biological transformations but also profound identity, affective, and cultural changes. In the case of atypical motherhood, experienced by mothers of children with conditions that deviate from typical development, these transformations become even more intense, requiring the constant redefinition of maternal experiences and roles. This research is qualitative in nature and methodologically based on bibliographic analysis, drawing from academic and scientific publications from recent years. The study analyzed aspects such as the social construction of motherhood, the emotional impacts of atypical maternal experiences, and the importance of resilience, empathy, and care in the mother-child relationship. The results highlight the urgent need for social and institutional recognition of these experiences, as well as public policies that provide emotional and practical support to these mothers. Furthermore, it emphasizes the importance of encouraging new research that deepens the understanding of the various dimensions of atypical motherhood and contributes to more inclusive and humanized practices.

Keywords: atypical motherhood; maternal challenges; resilience; empathy; care.

INTRODUÇÃO

A maternidade configura-se como um fenômeno multifacetado, que transcende os aspectos biológicos e adentra as esferas psicológicas, sociais e culturais. A maternidade requer da mulher uma profunda mudança em sua identidade, afeto e existência. Segundo Aguiar (2020), este processo passa por mudanças que abrangem desde o corpo físico até o emocional, demandando constantes adaptações e reinterpretações frente às exigências da maternidade.

Ademais, ao longo da história, a sociedade cria representações idealizadas da figura materna, ligando-a ao amor incondicional e à dedicação, impondo às mulheres um padrão estrito de desempenho materno. Contudo, a experiência real da maternidade se manifesta de maneira única para cada mulher, especialmente no cenário da maternidade atípica, caracterizada por desafios extras ligados às necessidades particulares de filhos que não seguem o desenvolvimento normal (Gama, 2019).

Dentro deste cenário, emergem novas características e demandas emocionais, práticas e simbólicas. A maternidade fora do padrão requer que a mulher entenda e atenda a necessidades específicas, frequentemente imprevisíveis, ligadas ao crescimento e à saúde de seus filhos. Esta realidade

requer não só resiliência para lidar com as adversidades, mas também empatia e acolhimento como alicerces para estabelecer uma relação emocional saudável e adaptável. É crucial identificar essas particularidades para entender a profundidade e a complexidade dessa vivência.

O tema é de grande importância tanto no âmbito acadêmico quanto social, pois entender essas experiências pode auxiliar na criação de políticas públicas, programas de suporte psicológico e práticas sociais mais inclusivas, que valorizem e acolham essas mães em suas diversas realidades.

Diante dessa complexidade, emerge a seguinte pergunta que orienta a presente investigação: quais os desafios enfrentados na maternidade atípica? Refletir sobre essa problemática possibilita ampliar a compreensão das experiências vividas por essas mães e propor caminhos que promovam acolhimento, visibilidade e suporte à sua trajetória.

OBJETIVO GERAL

Compreender os principais desafios enfrentados por mulheres que vivenciam a maternidade atípica, a fim de ampliar a reflexão clínica sobre suas experiências emocionais, sociais e relacionais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

•Investigar a construção histórica e simbólica do conceito de maternidade;

•Analisar as especificidades da relação entre mães e filhos atípicos, considerando os aspectos emocionais e subjetivos envolvidos;

•Refletir sobre os elementos de resiliência, empatia e acolhimento como componentes fundamentais da vivência na maternidade atípica.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, do tipo exploratório, com abordagem metodológica bibliográfica. Conforme Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é realizada com base em material já publicado, sendo particularmente eficaz na análise de fenômenos a partir de contribuições teóricas já estabelecidas. Através deste método, podemos reunir, analisar e contrastar diversas perspectivas sobre o assunto, fornecendo uma base robusta

para entender os desafios que as mães enfrentam em situações de maternidade atípica.

De acordo com Minayo (2012), o estudo bibliográfico possibilita uma reflexão detalhada sobre as realidades sociais através da avaliação crítica de autores que já se debruçaram sobre o assunto. Portanto, este estudo se baseia em livros, artigos científicos, dissertações e teses, visando estabelecer um quadro teórico sólido sobre a maternidade atípica, suas particularidades e consequências. A escolha das fontes foi feita através de pesquisa em bases de dados acadêmicas, dando preferência a trabalhos que tivessem relevância conceitual para o debate proposto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A maternidade é um fenômeno complexo que envolve não apenas aspectos biológicas, como também psicológicos e sociais, em que, tornar-se mãe implica uma série de transformações na vida da mulher, que passam desde o corpo físico até o campo emocional, exigindo adaptações e ressignificações constantes. Este processo é permeado por expectativas culturais e sociais que moldam a experiência deste ser, frequentemente associada ao ideal de cuidado e proteção. No entanto, a experiência concreta da fase materna é marcada por desafios e ambiguidades que variam de acordo com o contexto de cada mulher. Ela é vivida como um espaço/tempo de criação e experiência, em que a mãe precisa constantemente negociar seus papéis e responsabilidades (Aguiar, 2020).

Em diferentes culturas, a figura materna é idealizada, o que pode gerar pressões sociais para que as mulheres se enquadrem a um padrão de cuidado que muitas vezes não é realista. Isso pode levar ao esgotamento e a sentimentos de inadequação, uma vez que a realidade e desafios diários, nem sempre corresponde às expectativas projetadas pela sociedade. Além disso, o apoio social e familiar é fundamental para que a mãe possa exercer sua função de forma saudável. As redes de apoio são essenciais para a vivência da maternidade, especialmente em contextos mais desafiadores (Gama, 2019).

Lima *et al.* (2023) explicam que envolve uma constante negociação entre o que é esperado e o que é possível, que cada mulher experimenta a jornada de

ser mãe de forma única, influenciada por suas experiências anteriores, suas relações e o ambiente em que vive. E o desenvolvimento da criança também impacta diretamente na experiência da mãe, criando novas demandas e desafios. Isso significa que, ao longo do tempo, as mães vão reconstruindo suas experiências e ajustando suas expectativas em relação à atribuição que exercem.

A transição para este período pode ser marcada por sentimentos ambivalentes, como alegria e frustração. Esses sentimentos são normais e fazem parte do processo de adaptação que envolve a progenitura. O importante é que a mãe tenha espaço para expressar suas emoções e encontre apoio para lidar com os desafios. O estresse é uma parte natural da experiência materna, mas ele pode ser gerenciado de forma eficaz quando a mãe conta com suporte adequado (Maia; Muner, 2024).

Santos (2022) ressalta que outra particularidade relevante é a forma como a maternidade altera a percepção de si mesma. Muitas mulheres relatam que, após se tornarem mães, suas prioridades mudam, e elas passam a depositar o cuidado e à proteção de seus filhos. No entanto, isso não deve implicar na perda de sua identidade pessoal, mas sim numa ampliação de suas perspectivas e vivências, podendo ser uma experiência transformadora, que contribui para o desenvolvimento pessoal da mulher.

Os desafios são diversos e, muitas vezes, inesperados. A mãe precisa lidar com questões práticas, como a saúde e o desenvolvimento da criança, mas também com aspectos emocionais e sociais, que muitas vezes não são discutidos abertamente. Viana e Benicasa (2023) destacam a importância de criar espaços para que as mães possam compartilhar suas experiências e encontrar formas de apoio.

O suporte emocional, tanto da família quanto de profissionais, é um dos fatores que mais contribuem para uma experiência mais saudável e equilibrada. Quando a mãe tem a possibilidade de conversar sobre suas dificuldades e desafios, ela se sente menos isolada e mais capaz de enfrentar os obstáculos que surgem. O apoio social pode ter um impacto positivo não apenas na saúde mental da mãe, mas também na sua relação com o filho (Borges; Dalmau, 2021). Contudo, esta realidade pode estar distante, visto que:

> [...] 46,7% delas são responsáveis por levar o filho na terapia e possui apoio familiar nesta tarefa, o que ajuda para poder conciliar a carreira profissional e o tratamento de autismo do filho. Em seguida, verificou-se que 41,7% das mães respondentes são as únicas responsáveis por levar o filho nas terapias, o que mostra que um percentual expressivo que sinaliza a dificuldade de se conciliar suas carreiras com as terapias. Por fim, 10% da amostra sinaliza que apenas os membros de família são responsáveis por levar a criança na terapia, assim como nenhuma das mães possui babá ou cuidador para o apoio das terapias (Borges; Dalmau, 2021, p. 8).

Ainda com esta considerada adversidade, Roiz e Figueiredo (2023) observam que a maternidade também é um espaço de aprendizado constante, em que cada dia traz novos desafios e novas oportunidades para a mãe aprender sobre si mesma e sobre seu filho. Este processo de aprendizagem é essencial para que a mãe possa se adaptar às necessidades da criança e encontrar formas de conciliar suas próprias demandas com as do filho. A atuação ocupacional das mães é influenciada diretamente pelas demandas, o que requer uma constante adaptação.

Em desfecho, a maternidade é uma jornada de amor e cuidado, mas também de desafios e ressignificações. Cada mulher vive essa experiência de forma singular, e é importante reconhecer a diversidade de experiências e criar espaços de apoio para as mães. Este período, especialmente em contextos desafiadores, pressupõe uma abordagem sensível e empática, que considere as particularidades de cada mulher (Lopes *et al.,* 2019).

Considerando a maternidade atípica refere-se à experiência de mães que têm filhos com alguma limitação ou condições que fogem ao desenvolvimento considerado típico. Essa experiência apresenta desafios adicionais, uma vez que as mães precisam lidar com questões específicas relacionadas à saúde e ao desenvolvimento de seus filhos, que muitas vezes demandam acompanhamento constante e tratamentos especializados e cria um novo espaço de criação e experiência, em que a mãe precisa aprender a lidar com as singularidades do seu filho (Aguiar, 2020).

Necessita que a mãe ressignifique constantemente sua experiência, uma vez que ela precisa se adaptar a novas demandas e expectativas e para Gama (2019), ao contrário da mãe típica, em que o desenvolvimento da criança segue um padrão mais previsível, na maternidade atípica há muitas incertezas e desafios, que podem variar de acordo com a condição específica da criança,

assim as redes de apoio são fundamentais para as mães atípicas, pois elas oferecem suporte emocional e prático em momentos de dificuldade. E em conformidade:

> Compreende-se então que a vivência da maternidade, quando se tem um filho com autismo, torna-se uma experiência complexa e desafiadora para as mulheres, já que elas se deparam com o desconhecido e imprevisível. Para o futuro existem expectativas, porém muitas incertezas, e em decorrência disso, algumas mães podem ter mais dificuldades para planejar outras ocupações que não aquelas referentes aos cuidados maternos (Gama, 2019, p. 32).

E neste contexto do desconhecido, uma das principais características é o sentimento de incerteza, conforme Lima (2023) muitas mães relatam que, ao receberem o diagnóstico de seus filhos, elas se sentem perdidas e inseguras sobre o futuro. Esta incerteza pode gerar altos níveis de estresse e ansiedade, especialmente quando não há informações claras sobre o que esperar em termos de desenvolvimento e cuidados, neste contexto, a vivência fenomenológica é ainda mais intensa, uma vez que a mãe precisa ressignificar sua experiência continuamente.

Conforme Maia e Muner (2024), as mães de crianças atípicas também enfrentam um nível maior de sobrecarga emocional e física. Elas dedicam grande parte de seu tempo e energia aos cuidados com os filhos, o que pode levar ao esgotamento. Relatam que sentem falta de compreensão por parte da sociedade, que não está preparada para lidar com as especificidades da maternidade atípica. O estresse das mães cuidadoras de crianças com TEA é uma realidade que precisa ser melhor compreendida e abordada por profissionais de saúde e pela sociedade.

Santos (2022) destaca que a falta de políticas públicas voltadas para o apoio a famílias atípicas agrava ainda mais os desafios enfrentados por essas mães impactando em sua saúde mental, poise lidam com sentimento de culpa, frustração e impotência. Constantemente, essas mães se culpam pelo fato de seus filhos terem nascido com alguma limitação, mesmo quando não há nada que elas pudessem ter feito para evitar. Viana e Benicasa (2023) destacam que, nesses casos, é fundamental oferecer suporte psicológico para ajudar as mães a lidarem com esses sentimentos.

Borges e Dalmau (2021) aponta que a atenção dedicada à criança acaba sobrecarregando a mãe, o que pode gerar conflitos e tensões dentro da família,

a inclusão do pai e de outros membros da família no processo de cuidado pode aliviar parte da sobrecarga e contribuir para uma experiência mais equilibrada.

Ainda, é importante ressaltar a necessidade de desenvolvimento da resiliência, as mães de crianças atípicas precisam encontrar formas de lidar com os desafios diários sem perder a esperança e o amor por seus filhos. Isso muitas vezes envolve a criação de estratégias de enfrentamento que lhes permitam lidar com o estresse e as incertezas. Roiz e Figueiredo (2023) destacam que o desenvolvimento de resiliência é essencial para que as mães possam manter sua saúde mental e continuar cuidando de seus filhos.

Assim, a maternidade atípica é uma experiência única, marcada por desafios e ressignificações constantes. Cada mãe vivencia essa experiência de forma particular e singular, onde se faz necessário que a sociedade reconheça e valorize os desafios dessa vivência. Lopes *et al.* (2019) enfatizam que ela implica uma abordagem sensível e empática, que leva em consideração as particularidades de cada mãe.

A relação entre mãe e filho atípico carrega uma profundidade emocional e simbólica que emerge das particularidades inerentes às condições especiais da criança. As mães, ao se depararem com diagnósticos e desafios que escapam do desenvolvimento considerado típico, são obrigadas a adaptar suas percepções e práticas parentais, que como aponta Aguiar (2020), a roda de conversa e o espaço de interação entre mãe e filho tornam-se um território de ressignificação contínua, onde a criação de vínculos é permeada por novas formas de comunicação e afeto. A vivência cotidiana transforma-se em um processo de construção de significados, onde a compreensão mútua é muitas vezes desafiada, mas também fortalecida por essas particularidades.

Uma das singularidades mais evidentes na relação mãe-filho atípico é a necessidade de desenvolver uma comunicação alternativa. Muitas crianças no espectro autista, por exemplo, têm dificuldades em estabelecer formas convencionais de interação, o que determina que as mães encontrem maneiras de interpretar os sinais e comportamentos de seus filhos, e essa comunicação pode se dar de maneira não verbal, através de gestos, expressões e até mesmo a intuição materna. Essa adaptação não só fortalece a relação, mas também cria uma ligação emocional profunda entre mãe e filho, baseada na empatia e na paciência (Gama, 2019).

Também é relevante a forma como a mãe assume o dever de mediadora no mundo do filho atípico. Lima *et al.* (2023) argumentam que a mãe, em muitos casos, torna-se o principal elo entre a criança e o mundo externo, facilitando interações sociais, participação em atividades e até mesmo o acesso a serviços de saúde. Essa parte de mediadora requer que a mãe esteja atenta às necessidades específicas do filho, enquanto equilibra suas próprias demandas emocionais e físicas. Essa tarefa pode ser desafiadora, mas também fortalece a compreensão que a mãe desenvolve sobre as especificidades do filho.

A relação mãe-filho atípico também é marcada por resiliência emocional, assim, Maia e Muner (2024) destacam que as mães precisam lidar com sentimento de frustração, tristeza e, por vezes, impotência diante de situações em que não conseguem atender plenamente às necessidades do filho. No entanto, a superação desses desafios fortalece a conexão emocional entre ambos, uma vez que cada pequena conquista da criança é celebrada com intensidade e alegria e essas vitórias, embora muitas vezes consideradas pequenas por outras pessoas, têm um significado imenso para mães de crianças atípicas.

Há também um sentimento comum de isolamento social, uma vez que a experiência nem sempre encontra ressonância em outros contextos familiares e sociais. Muitas mães relatam que sentem dificuldades em compartilhar suas experiências com pessoas que não vivem a mesma realidade, o que pode gerar um afastamento de círculos sociais, ela cria uma relação simbiótica entre mãe e filho, na qual ambos se apoiam mutuamente para superar as barreiras impostas pelo ambiente social (Santos, 2022).

A interação mãe-filho atípico também envolve uma constante aprendizagem sobre os limites e potencialidades da criança, conforme Viana e Benicasa (2023) as mães de crianças atípicas desenvolvem uma percepção aguçada sobre os comportamentos e reações de seus filhos, sendo capazes de identificar pequenas mudanças que podem indicar avanços ou retrocessos no desenvolvimento. Essa capacidade de observação detalhada é uma das singularidades que caracteriza essa relação, uma vez que o vínculo é moldado por um cuidado minucioso e uma atenção constante às necessidades do filho.

Outro elemento importante é a flexibilização das expectativas que a mãe nutre em relação ao desenvolvimento do filho. Enquanto a mãe típica muitas

vezes se baseia em marcos de desenvolvimento convencionais, como os primeiros passos ou as primeiras palavras, impõe que a mãe adapte suas expectativas e celebre conquistas que podem não se alinhar aos padrões comuns, essa flexibilização não significa resignação, mas sim uma reestruturação das metas e desejos, permitindo que a mãe valorize cada progresso no tempo e no ritmo do filho (Borges; Dalmau, 2021).

Roiz e Figueiredo (2023) observam que o conceito de empatia também ganha novos contornos na relação entre mãe e filho atípico. As mães desenvolvem uma sensibilidade acentuada para compreender as emoções e os estados mentais dos filhos, mesmo quando essas emoções não são expressas de forma clara ou convencional, essa empatia é uma ferramenta poderosa que fortalece a conexão emocional e permite que a mãe se antecipe às necessidades do filho, muitas vezes antes mesmo que ele possa expressá-las verbalmente.

Ainda, para Lopes *et al.* (2019) relação mãe-filho atípico é caracterizada por uma forma única de resiliência compartilhada. Mãe e filho enfrentam juntos os desafios impostos pelas condições atípicas, e esse enfrentamento conjunto cria um laço inquebrável, essa resiliência compartilhada é construída a partir das experiências diárias de superação e adaptação, e se manifesta na forma como a mãe se torna a principal defensora e protetora do filho, enquanto a criança, por sua vez, responde com gestos de afeto que consolidam essa relação.

Desta forma, a singularidade dessa relação está na profundidade emocional que ela envolve. O amor incondicional e o compromisso da mãe com o bem-estar do filho são forças motrizes que mantêm a relação firme diante das adversidades, as mães de crianças atípicas encontram força no vínculo emocional que constroem com seus filhos, um vínculo que transcende as limitações impostas pelas condições de saúde ou desenvolvimento (Montenegro *et al.,* 2020)

A maternidade atípica permite que as mães desenvolvam altos níveis de resiliência, empatia e acolhimento para enfrentar os desafios diários que surgem no cuidado de seus filhos. A resiliência, nesse contexto, não é apenas a capacidade de resistir às adversidades, mas de se reinventar constantemente, adaptando-se às novas demandas e encontrando forças nas pequenas vitórias diárias. Essa resiliência é construída a partir das experiências cotidianas e da

necessidade de criar um ambiente onde a criança possa desenvolver-se dentro de suas próprias capacidades (Aguiar, 2020). Ainda:

> [...} tanto por conta do desconhecimento e precariedade de informações sobre o TEA quanto pela alta demanda de cuidados exigida pelo tratamento e a dificuldade de acesso a essas intervenções, para muitas famílias, o reconhecimento do autismo em um dos integrantes do núcleo ocasiona diversos sofrimentos psíquicos, que variam desde a sobrecarga física e mental decorrente de atribuições da vida cotidiana, altos níveis de estresse e baixo índice de qualidade de vida para seus familiares, até a possibilidade de desenvolver a capacidade de adaptação e resiliência (Gama, 2019, p. 26).

A empatia, torna-se uma ferramenta relevante no relacionamento com o filho. As mães de crianças atípicas desenvolvem uma sensibilidade especial para entender os sinais não-verbais e as necessidades emocionais de seus filhos, muitas vezes se antecipando a elas, ela é o alicerce para o estabelecimento de uma relação de confiança e segurança, onde a mãe compreende o mundo interno da criança e responde de maneira cuidadosa e atenta a suas necessidades (Gama, 2019).

Além disso, as mães precisam criar um ambiente seguro e acolhedor, onde seus filhos possam expressar-se sem medo de julgamento, por isso conforme Lima *et al.* (2023), o acolhimento envolve aceitar a criança em sua totalidade, com suas particularidades e desafios, e proporcionar-lhe o suporte necessário para enfrentar o mundo externo. Esse acolhimento é, muitas vezes, uma extensão da empatia, mas envolve também um compromisso ativo de proteção e cuidado.

Maia e Muner (2024) destacam, essas mães estão sujeitas a altos níveis de estresse, mas conseguem, de alguma forma, encontrar forças para continuar. Essa resiliência pode ser reforçada por redes de apoio social e profissional, que oferecem não apenas ajuda prática, mas também suporte emocional para que a mãe possa continuar realizando seu papel sem se sentir sobrecarregada.

Além do mais, é relevante a forma como a resiliência e a empatia se combinam para ajudar a mãe a lidar com as incertezas inerentes ao desenvolvimento do filho, destacado por Santos (2022) no qual cita que diante de diagnósticos e prognósticos incertos, as mães precisam encontrar um equilíbrio entre a esperança e a realidade, mantendo-se resilientes frente aos obstáculos, mas também empáticas com as limitações do filho. Essa dualidade

é um dos grandes desafios da maternidade atípica, e ordena uma força emocional considerável.

Ainda, para Santos (2022) o acolhimento também se manifesta na forma como as mães de crianças atípicas lidam com as expectativas externas. Muitas vezes, essas mães enfrentam críticas ou incompreensões por parte de pessoas que não estão familiarizadas com a realidade de criar uma criança com necessidades especiais. E Viana e Benicasa (2023) ressaltam que, nesses casos, o acolhimento precisa se estender a si mesmas, ou seja, as mães precisam aprender a acolher suas próprias emoções e a validar seus sentimentos, sem se deixarem afetar por pressões sociais ou julgamentos alheios.

A resiliência dessas mães não é uma qualidade inata, mas algo que é desenvolvido ao longo do tempo, conforme elas aprendem a lidar com os desafios que surgem no caminho. Borges e Dalmau (2021) sugerem que essa resiliência é fortalecida pelas experiências de superação, pelas pequenas vitórias que ocorrem no dia a dia e pelo apoio que recebem de familiares, amigos e profissionais de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estudo, foi possível compreender com mais profundidade a complexidade que envolve a vivência da maternidade atípica. A análise dos desafios enfrentados por essas mães evidenciou a importância de reconhecer suas experiências como legítimas e singulares, atravessadas por sentimentos ambíguos, sobrecarga emocional e uma busca constante por acolhimento e pertencimento. As informações aqui apresentadas são especialmente relevantes para o público-alvo composto por mães atípicas, profissionais da saúde, educadores, assistentes sociais e formuladores de políticas públicas, pois possibilitam uma visão mais empática e fundamentada sobre essa realidade.

Ficou evidente que ainda existe uma lacuna significativa no apoio oferecido a essas mulheres, tanto no que diz respeito às políticas públicas quanto ao suporte familiar e social. A invisibilidade dessas mães, somada à

idealização da figura materna, contribui para o sofrimento psíquico e o sentimento de culpa e isolamento. Dessa forma, promover visibilidade para as suas vivências é um passo fundamental para garantir o fortalecimento de redes de apoio, a promoção da saúde mental e o desenvolvimento de práticas mais humanas e inclusivas no cuidado materno e infantil.

Ademais, o presente trabalho lança luz sobre a necessidade de novas pesquisas que ampliem o debate sobre a maternidade atípica, considerando suas múltiplas dimensões — emocionais, sociais, econômicas e culturais. Estudos futuros podem explorar, por exemplo, o papel da rede de apoio informal, os impactos da maternidade atípica na vida profissional das mulheres, ou mesmo a participação dos pais e demais familiares nesse processo. Investigar essas questões é essencial para a construção de políticas mais eficazes e sensíveis às demandas dessas famílias, bem como para o fortalecimento de uma sociedade mais justa e acolhedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. J. R. C. **A criança na educação infantil: A roda de conversa como espaço/tempo de infância, criação e experiência**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2020

BORGES, L. S; DALMAU, M. B. L. **A influência do diagnóstico de autismo na trajetória profissional das mães da Grande Florianópolis**. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 5, e56710515261, 2021.

GAMA, M. E. A. **Através do espectro: Redes de apoio social na vivência da maternidade atípica**. 2019. Monografia (Bacharelado em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, M. M. da S. e*t al.* **Vivenciando a maternidade atípica: uma reflexão pelas lentes de Merleau-Ponty**. *Revista* [nome da revista], v. 97, n. 2, abr./maio/jun. 2023.

LOPES, H. B. *et al.* **Transtorno do espectro autista: ressonâncias emocionais e ressignificação da relação mãe-filho**. *Revista Cereus*, v. 11, n. 2, 2019.

MAIA, G. B; MUNER, L. C. **Maternidade atípica: O estresse das mães cuidadoras de crianças com o transtorno do espectro autista**. Faculdade Cathedral, v. 6, n. 2, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

ROIZ, R. G; FIGUEIREDO, M. de O. **O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista**. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 31, 2023.

SANTOS, P. **Autismo: uma família atípica – Relato de uma mãe/psicóloga**. Curitiba: CRV, 2022.

VIANA, C. T. de S; BENICASA, M. **Maternidade atípica: termo e conceito**. *Revista Acadêmica Online*, v. 9, n. 46, jul./ago. 2023.